

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n35.09>

A mulher de “poder”: a dupla face da personagem Tia Lydia em *O conto da Aia* e *Os testamentos*

The woman of “power”: the double face of the character Aunt Lydia in The Handmaid’s Tale and The Testaments

Jayne Silva de Sousa Borges*
Naiara Sales Araújo Santos**

Resumo: Este estudo busca analisar a mulher em posição de poder na ficção a partir da personagem Tia Lydia, com base numa leitura de *O conto da Aia* (1985) e *Os testamentos* (2019), duologia de Margaret Atwood. Essa personagem possui configuração emblemática na trama das duas histórias: na primeira, é uma vilã que se instala subjetivamente no inconsciente das mulheres; na segunda, é uma personagem mais concreta que tem seus defeitos e qualidades mais bem explorados e aprofundados. Tia Lydia é posta como mulher de “poder” devido à sua casta privilegiada dentro da sociedade fictícia, mas não deixa de sofrer limitações e opressões. Assim, utiliza-se como suporte teórico estudos sobre poder (FOUCAULT, 1979), análises de dispositivos opressores (BOURDIEU, 2019) e apontamentos sobre grupos subalternos (SPIVAK, 2010).

Palavras-chave: Condição feminina. Poder. *O conto da Aia*. *Os testamentos*.

Abstract: This study analyzes the woman in a position of power in fiction based on the character Aunt Lydia, developed on a reading of *The Handmaid’s Tale* (1985) and *The Testaments* (2019), a duology by Margaret Atwood. This character has an emblematic configuration in the plot of the two stories: in the first one, she is a villain who subjectively installs herself in the unconscious of women; in the second one, she is a more concrete character whose flaws and qualities are better explored and deepened. Aunt Lydia is portrayed as a woman of “power” due to her privileged caste within the fictional society, but she is not free from suffering limitations and oppressions. Studies on power (FOUCAULT, 1979), analyzes of oppressive devices (BOURDIEU, 1998) and notes on subaltern groups (SPIVAK, 2010) are used as theoretical support.

Keywords: Feminine condition. Power. *The Handmaid’s Tale*. *The Testaments*.

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

** Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Introdução

A ficção científica é um gênero relativamente recente que, por isso, tem uma representação marcada por produções europeias e norte-americanas, das quais uma pequena parcela possui valor canônico e clássico. Nesse sentido, as obras mais citadas como referência de ficção científica são *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, e, num geral, as produções de Júlio Verne, H. G. Wells, Isaac Asimov, Arthur C. Clarke e Philip K. Dick. Mesmo esses precursores do gênero podem não ser tão conhecidos pela maioria da população leitora e consumidora de mídias audiovisuais, pois a ficção científica possui caráter de transgressão e modernização e compõe-se de cenários futuristas, com avanços tecnológicos e, geralmente, cenas que chocam e provocam críticas sobre a sociedade.

Um subgênero presente nesse meio, e que ainda tem poucas manifestações reconhecidas, é a distopia, caracterizada por um mundo fictício que se parece muito com o real, com a diferença de que acentua os piores aspectos do comportamento humano e, de certa forma, prevê o que a realidade pode se tornar. Alguns acreditam que as distopias têm se apresentado cada vez mais reais, comparadas aos conflitos políticos, econômicos e sociais que acontecem desde o início do século XX, período que pode ser considerado como de surgimento e larga produção do gênero.

Os principais representantes dessa classificação são, na literatura, George Orwell, Aldous Huxley, Ray Bradbury, Margaret Atwood – sendo essa última considerada clássica e contemporânea –, e mais recentemente inclui-se Octavia E. Butler, Suzanne Collins, Kiera Cass, Ernest Cline, Veronica Roth, dentre diversos outros, uma vez que as distopias parecem ter retornado à larga produção e consumo no século XXI.

A canadense Margaret Atwood tem uma trajetória premiada e popular na escrita, especialmente por causa de *O conto da Aia* (1985). A história fala sobre uma sociedade distópica chamada República de Gilead, comandada por um governo totalitarista religioso que naturaliza e exerce a opressão e o abuso de mulheres tidas como pecadoras, além de punir ou matar aqueles que desrespeitam as leis divinas (sejam homens ou mulheres). Nesse lugar as pessoas são divididas em grupos hierárquicos, não há liberdade, em tese, e todos são vigia-

dos. Mas como é típico das distopias, descobre-se que existem meios de burlar o sistema, corrupções e práticas proibidas, o que leva ao clímax e aos demais conflitos do enredo.

Após anos de sucesso com a história, que foi transformada em ópera, filme e, mais recentemente, série de *streaming*, no ano de 2019 Atwood publicou a sequência *Os Testamentos*, para a surpresa do público e dos fãs. Com essa obra, a autora deu um novo ponto de vista para uma das personagens mais instigantes de *O conto da Aia*: Tia Lydia, a principal responsável por controlar e treinar as Aias, que eram forçadas a ter relações sexuais com os Comandantes para gerar crianças em Gilead, devido ao fato de as mulheres da história contarem com um sério problema de fertilidade.

Sabendo-se, assim, que o universo de *O conto da Aia* e *Os Testamentos* é frutífero para pesquisas e análises literárias e sociais, optou-se, neste estudo, por um enfoque direcionado à personagem Tia Lydia, que na primeira história tem uma caracterização mais vilanesca e passivo-agressiva, enquanto na segunda explica e justifica suas ações e atitudes, além de ser significativa tanto para o lado dominado quanto para o lado dominante. Serão explorados, portanto, a construção e o desenvolvimento de Lydia como mulher de “poder”, suas possibilidades e limitações, a fim de se evidenciar sua quase humanização; para isso, são essenciais os apontamentos de Foucault (1979), Pierre Bourdieu (1998) e Gayatri Spivak (2010), que tratam, respectivamente, de estudos sobre o poder, os desafios e as formas de lidar com escritos de mulheres, sobre mulheres e para mulheres.

O método de análise é comparativo, com a demonstração dos dados coletados nas duas obras convergidos em resultados que as interligam em semelhanças e diferenças. O objetivo é, dessa forma, analisar a figura da mulher em posição de poder na ficção a partir da personagem Tia Lydia, com base numa leitura de *O conto da Aia* (1985) e *Os testamentos* (2019). O trabalho se desenvolve com uma apresentação inicial das teorias norteadoras e essenciais para o embasamento do estudo, seguindo-se a análise proposta com a articulação dos dados e, para finalizar, algumas considerações que organizam e resumizam as principais descobertas.

Subalternidade, opressão e poder: facetas de uma história feminina

As histórias de *O conto da Aia* e *Os testamentos* são elaboradas a partir de uma visão feminista que tenciona contrastar o papel e a situação das mulheres frente a crises governamentais, biológicas e sociais; o objetivo é justamente demonstrar como esse grupo é rapidamente negligenciado, subalternizado e explorado, independentemente dos avanços e das conquistas que alcançarem em qualquer área. Logo, é natural direcionar as pesquisas sobre esse universo fictício para tal viés, que fornece material rico e pertinente para muitas análises.

Nesse sentido, vale lembrar que as duas histórias se passam numa sociedade resultante de uma guerra inspirada por problemas ambientais e biológicos, especificamente pelo excesso de produtos tóxicos e pela conseqüente esterilidade de homens e mulheres, além dos nascimentos quase extintos. A República de Gilead emerge, então, como uma alternativa a esse cenário caótico e quase apocalíptico, depositando na Bíblia a fé de um recomeço, de uma reorganização e de uma nova chance de se viver “corretamente”, conforme a vontade divina, em tese.

O problema é que essa forma de governar é o completo oposto da democracia antes vivida por essa sociedade fictícia: a liberdade, os direitos e os privilégios conquistados e então usufruídos por uma maioria passam a ser apenas de homens ricos e ortodoxos, que na verdade são homens que se uniram para estabelecer Gilead e com isso conseguiram poder, mesmo sendo tão ou mais “pecadores” que os cidadãos comuns. De qualquer forma, eles impõem um sistema autoritário, extremo e conservador, em que as maiores vítimas são as mulheres.

Aquelas consideradas dignas são limitadas ao lar e à família, as não dignas sofrem um estupro mensal para dar um filho aos casais ricos. Há também mortes e torturas, mas nenhum trabalho ou atividade distrativa para elas. As únicas exceções a essa regra são as Tias, mulheres inférteis, mas não suficientemente ricas para casar, que ficam, então, com a responsabilidade de treinar as Aias, as mulheres consideradas indignas, mas férteis, além de lidarem com os demais conflitos relacionados a outros grupos também femininos.

Sendo o objetivo deste trabalho a análise de Tia Lydia, uma das personagens principais de *Os testamentos* e figura importante em *O*

conto da Aia, as seguintes discussões teóricas discorrem expressamente sobre o papel da mulher que foge aos padrões patriarcais de filha ou esposa, de subordinada ou dependente de um homem. Nesse caso, a personagem aqui analisada ocupa um espaço de certos privilégios, pois pode ler, possui armas de controle e ainda tem a responsabilidade de lidar com as demais castas de mulheres, treinando, orientando e punindo-as.

Assim, é necessário comentar sobre a noção de poder, a partir de Michel Foucault em *Microfísica do poder* (1979). Segundo esse autor, o poder é circulável e funciona a partir da passagem por todos os indivíduos, em maior e menor nível e em momentos diferentes; por isso, envolve uma grande combinação de ação e reação, ou seja, pode ser exercido por todos e também sofrido por todos (FOUCAULT, 1979). Essa perspectiva justifica a existência e a manutenção do poder, uma vez que o percebe como uma prática viva e contínua, que não se aplica ou se firma aos indivíduos ou aos grupos, mas se movimenta entre eles, o que também permite considerar o poder como algo adaptável cujos conflitos é possível resolver.

Nesse sentido, Foucault (1979) argumenta que, assim como influencia os indivíduos e, por consequência, é fortalecido, o poder pode ser atacado pela tomada de consciência/independência dos sujeitos. Para o autor, é equivocado pensar nessa prática como mera ferramenta de domínio dos corpos por quem ocupa posições de superioridade em relação às massas; como já dito, todos estão relacionados e são passíveis ao poder enquanto sujeitos ativos ou passivos, por isso a “impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares” (FOUCAULT, 1979, p. 146). À vista disso, conforme a proposta aqui analisada, não se pode determinar a personagem Tia Lydia exclusivamente como figura que exerce poder nem como vítima direta deste. Essas explicações evidenciam a complexidade de estudar toda a formação de tal personagem no que se refere à sua posição de privilégio e aos abusos por ela sofridos.

As ideias de Foucault apresentadas acima se relacionam com o que é defendido no livro *A dominação masculina* (2019), em que Pierre Bourdieu discute a ideia e a prática de superioridade do homem em relação à mulher, buscando apresentar como essas noções foram estabelecidas, naturalizadas e, em constante reforço, podem ser eternizadas. Ao explicar as tentativas de posicionamento e resistência das

mulheres contra tal sistema patriarcal, Bourdieu (2019) afirma que, em determinados casos, esse grupo forma uma oposição enfraquecida por influência da situação em que está inserido, além de suas armas de confronto serem formadas por esse meio e de suas intenções serem voltadas para ele, o que, de modo geral, dá às mulheres uma carga negativa em relação aos homens, que seriam o positivo. Os exemplos

[...] vão da magia, da astúcia, da mentira ou da passividade (principalmente no ato sexual) ao amor possessivo dos possessos, como o da mãe mediterrânea ou da esposa maternal, que vitimiza e culpabiliza, vitimizando-se e oferecendo a infinitude de sua devoção e de seu sofrimento mudo em doação sem contrapartida possível, ou tornada dívida sem resgate. As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar a volta às proibições e ao preconceito que lhes atribui uma essência maléfica — segundo a lógica, obviamente trágica, que quer que a realidade social que produz a dominação venha muitas vezes a confirmar as representações que ela invoca a seu favor, para se exercer e se justificar. (BOURDIEU, 2019, p. 59-60)

Essas colocações referem-se às investidas passivas de mulheres em forte situação de dominação, é claro. O problema aí apontado está na ofensiva simbólica, não engajada, que, além de não se equiparar às reivindicações concretas por direitos e libertação desse sistema, é voltada à vingança, como se o “olho por olho” fosse uma resposta a essas situações. O que Bourdieu (2019) defende na citação anterior e em toda a obra é uma movimentação mais ativa, política, que se diferencia justamente pela fuga dos modelos androcêntricos, numa busca por algo maior que “pagar na mesma moeda”, de certo modo.

Uma das atividades em que a independência da mulher pode ser mais concretamente manifestada é o trabalho, ou pelo menos é o que deveria ser. Mas o sistema dominador/dominado também é levado para esse meio, porque é comum que as mulheres ocupem funções que podem ser consideradas maternas ou femininas, as quais envolvem o contato com o público e o afeto necessário para agradar à clientela, além de serem responsabilizadas pelas atividades burocráticas e pelo papel intermediário entre a chefia e o público:

Direcionadas à gestão do capital simbólico das famílias, as mulheres são logicamente levadas a transportar este papel para dentro da empresa, onde se lhes pede quase sempre para coordenar as atividades de

apresentação e de representação, de recepção e acolhida (aeromoça, recepcionista, anfitriã, guia turístico, atendente, recepcionista de congresso, acompanhante etc.), e também a gestão dos grandes rituais burocráticos que, tais como os rituais domésticos, contribuem para a manutenção e o aumento do capital social de relações e do capital simbólico da empresa. (BOURDIEU, 2019, p. 164)

Desse modo, a mulher é mantida como figura incapaz de gerenciar finanças e coordenar empresas sérias e bem-sucedidas; conseqüentemente, inapta a idealizar seu próprio negócio. Criar, concretizar e desenvolver financeiramente um empreendimento são funções para as quais somente os homens têm competência; mas quando se trata de atrair clientes, mantê-los e lidar com os conflitos e as problemáticas a eles relacionadas – ou seja, o lado humano do trabalho, grosso modo –, são as mulheres as encarregadas de e preparadas para isso. Contudo, mesmo quando vítimas, são as mulheres privilegiadas que possuem maior chance de reação à tal conjuntura, e por isso podem ser entendidas como as principais agentes de mudança.

O que ocorre, portanto, é um truque que faz parecer que as mulheres têm tanta liberdade quanto os homens, mas serve, na verdade, para mantê-las submissas e preservar a dominação. Tal dominação, conforme Bourdieu (2019), é simbólica, por isso tão difícil de ser combatida e tão facilmente tolerável pelas mulheres, que veem nela comodidade para se manterem estáveis, já que mudar não é tão prático. Desse modo, o artifício da “liberdade” para as mulheres que ocupam posições de privilégio não lhes concede nada concreto, apenas bens simbólicos, possibilidades que não são tão relevantes se comparadas às necessidades de mulheres de classes mais baixas ou em situações de maior opressão.

Bourdieu (2019) aponta ainda a dificuldade enfrentada pelas mulheres no que se refere ao trabalho e à família. Diferentemente dos homens, é como se elas tivessem de escolher uma das duas áreas para ter sucesso. Se há dedicação para com a família, é impossível se desenvolver profissionalmente com êxito. Dessa maneira, Bourdieu (2019) afirma que tal sobrecarga para o gênero feminino é algo que dificilmente deixará de existir, por isso é um problema que precisa ser tratado de forma particular, não o comparando à realidade masculina, porque essas diferenças já fazem parte da trajetória das mulheres.

Nessa discussão, há de se destacar também as contribuições de Gayatri C. Spivak com *Pode o subalterno falar?* (2010), livro que discute a subalternidade de povos colonizados e marginalizados pelo sistema que é dominado por ideais europeus e norte-americanos. Assim, segundo essa autora, os indivíduos subalternizados têm um nível de dominação acentuado conforme a classe social, a cor e o gênero. Por isso as mulheres negras e pobres são as mais oprimidas nesse sistema. Ademais, esses sujeitos são apagados e esquecidos em muitos aspectos, mas é especialmente discutida a violência epistêmica, que é a tomada de espaço dos indivíduos privilegiados para falar no lugar dos subalternos, ao invés de conceder-lhes espaço para falarem por si próprios.

Nesse sentido, Spivak (2010) defende que os intelectuais, enquanto privilegiados, têm o papel fundamental de criticar os discursos pós-coloniais que reforçam a subalternização desses sujeitos; não é substituindo a voz do indivíduo subalterno ou a figura perdida deste ao falar-se por ele, representá-lo, ou meramente conhecendo a sua história que se provocarão mudanças nessa conjuntura, a qual tem sido criticada só a partir do século XX e, por isso, se desenvolvido a passos lentos recentemente. Assim, a autora aponta:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 126).

Afinal, o ideal é que o intelectual utilize as ferramentas que estão a seu alcance tanto para dialogar com esses sujeitos subjugados como para aliar-se a eles nessa luta por espaço e visibilidade. Isso posto, a seção a seguir tratará da análise do objeto: a personagem Tia Lydia em *O conto da Aia* (1989) e *Os testamentos* (2019).

O “poder” de mulheres privilegiadas: analisando Tia Lydia

A presença de Tia Lydia em *O conto da Aia* é principalmente discursiva, subjetiva. Quem a apresenta e descreve é a personagem principal, a Aia Offred, que ao longo da narração sobre sua história relembra as falas de Tia Lydia, quando ainda estava em treinamento no Centro Raquel e Lea. Essas observações são relacionadas a determinadas situações conflitantes da protagonista, nas quais, às

vezes, a voz de Tia Lydia flutua como uma consciência secundária, que serve para aconselhar, conter ou punir. Infere-se, a partir disso, que Tia Lydia é a responsável por dar os sermões e ensinar às Aias como se comportar conforme as leis de Gilead, e, se não a única, uma das Tias mais memoráveis, uma vez que é constantemente lembrada e mencionada por Offred.

O trabalho dessa aliada da República de Gilead é substancial: selecionada com várias outras, cabe a ela doutrinar, fazer uma lavagem cerebral nas jovens que antes viviam uma vida de liberdades e possibilidades e são obrigadas, então, a servir como barrigas de aluguel, corpos sem importância nem identidade que seriam abusados e gerariam inúmeras vidas até não terem mais utilidade. Não é, então, algo fácil. Por isso Tia Lydia utiliza recursos de linguagem e expressão para convencer as Aias a tais situações, a fim de que não se sintam forçadas nem livres o suficiente para não cumprir com suas obrigações.

Nesse sentido, notam-se nas falas de Offred algumas descrições que permitem analisar as estratégias de Tia Lydia. Primeiramente, há nas colocações certa objetividade, pois o objetivo era se fazer entender por todas, e como as Aias não podem ler, é necessário se expressar de forma bastante visual e exemplificativa. É utilizada uma variedade de metáforas, analogias, ladainhas, frases inspiradas em pensadores famosos, além das bíblicas. Tanto que, constantemente, as Tias utilizam filmes para complementar seus apontamentos.

Essa situação descrita logo acima é condizente com as ideias apontadas por Bourdieu (2019) no que se refere à posição da mulher no ambiente de trabalho. Na República de Gilead, a atribuição de uma função maternal/feminina para as mulheres da trama fica escancarada, visto que não há remuneração financeira pelos serviços prestados. Tudo é feito em prol de Deus, da manutenção da espécie. De forma bastante clara, as Tias ficam responsáveis pelo manejo das Aias, reeducando-as para a nova realidade, como se fossem mãe e filha. É um cargo que exige afeto e autoridade, além comunicação transparente com o público (Aias, Esposas, Comandantes etc.).

O exemplo a seguir demonstra como Lydia se comunica de forma pragmática, pelos olhos da protagonista: “Por que bater com a cabeça, dizia Tia Lydia, contra um muro? Por vezes ela tinha uma maneira muito vívida e descritiva de dizer as coisas” (ATWOOD, 2017,

p. 80). Essa fala se relaciona a uma lembrança de Offred sobre sua filha, como um lembrete de que não deve ter esperança em reencontrá-la. Mas o fato de Tia Lydia ser tão fortemente retomada é resultado da combinação de mais artifícios; as simples afirmações não são tão marcantes isoladamente, mas derivam de certa atuação e manipulação dessa personagem.

Quanto a esse aspecto, no artigo de Jordeanes Araújo e Renan Bergo da Silva (2021) sobre o Poder e o Estado na perspectiva de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Bruno Latour, há uma breve análise das contribuições desses autores canônicos para a identificação e a compreensão de ferramentas e agentes de controle e dominação sociais. Araújo e da Silva (2021) declaram que isso se desenvolve num processo gradativo, iniciado no plano discursivo e simbólico, o qual tem influência na realidade material e pode chegar a ter manifestações físicas de violência, domínio e subjugação. A seguir, um trecho de *O conto da Aia* permite a reflexão sobre essas práticas:

Ela disse: Pensem em si próprias como sendo sementes, e naquele exato momento a voz dela adquiriu um tom adulator, lisonjeiro, conspirador, como as vozes daquelas mulheres que costumavam dar aulas de balé a crianças, e que diziam: Braços para cima no ar agora; vamos fingir que somos árvores. (ATWOOD, 2017, p. 29)

No excerto acima, Offred rememora os conselhos de Tia Lydia sobre paciência e função das Aias como incubadoras de filhos. Nele, nota-se um tom professoral, como se Lydia conversasse com crianças de pré-escola, tentando convencê-las, não as obrigar, a cumprir seu dever. Ela tenta enganar as jovens, naturalizando a situação como se fosse uma brincadeira, não um estupro e abuso grave. Para isso, não apenas ocupa a posição de professora, mas também de semelhante, de mulher, de amiga.

Em outro momento é possível perceber um tom mais maternal, também importante no trabalho de alienação e doutrinação exercido por Tia Lydia: “Estou dando tudo de mim, fazendo o melhor possível, dizia ela. Estou tentando dar a vocês a melhor oportunidade que podem ter. Ela piscava, a luz era forte demais para ela, sua boca tremia” (ATWOOD, 2017, p. 69). Há vários momentos em que Lydia toma a posição de uma mãe narcisista que, para manipular o filho (nesse caso, as filhas), faz um apelo emocional, tirando de si a responsabilidade e jogando-a para as Aias.

Cabe destacar, porém, que Lydia e suas companheiras são intituladas Tias, não Mães, apesar desse aspecto. Isso pode representar o distanciamento entre as Tias – que são figuras santas, imaculadas, servas de Deus – e as Aias – pecadoras, penitentes –, além de poder significar que os pais e as mães das Aias são divinos (ou seja, Deus, Jesus, Maria), e as Tias são as representantes deles no mundo terreno, como anjos/servas do Senhor. De todo modo, pode-se entender as Tias como substitutas mais próximas das mães, ao considerar-se a estrutura familiar.

O método de lavagem cerebral de Tia Lydia é construído, portanto, da mistura entre técnicas cruéis manifestadas principalmente por meio de textos e imagens, com uma abordagem leve, divertida, espirituosa, mas contida. São vários os exemplos que atestam essa dualidade na forma de “educar” as Aias, mas destaca-se especialmente a utilização de vídeos e filmes de épocas anteriores à República de Gilead, que exibem pornografia, protestos, assassinatos, partos por cirurgia e vida das Não Mulheres que limpam lixo tóxico nas Colônias, exatamente como se fossem uma categoria só de coisas ruins e erradas, para que as Aias possam associar todas essas práticas ao pecado, à tortura, à morte.

Em contrapartida ao excesso de imagens, Tia Lydia se comunica muitas vezes de forma incompleta, com lacunas, para evitar o trabalho de interpretação das Aias e o ato de pensar, proibido para mulheres comuns. Isso fica evidente, por exemplo, no trecho a seguir, em que Offred reflete na hora do banho: “Num banheiro, dentro de uma banheira, você fica vulnerável, dizia Tia Lydia. Ela não disse a quê” (ATWOOD, 2017, p. 77). Apesar das intenções de Lydia para que as Aias pensassem o mínimo possível, é um ato quase inevitável, uma vez que elas não têm muito o que fazer. Por mais que Lydia esconda que vulnerabilidade remeta à possibilidade de um suicídio, ou mesmo à exposição do corpo, é isso o que Offred deduz.

Isso posto, pode-se afirmar que Tia Lydia é uma das principais representantes do Estado na trama, pois, de acordo com Araújo e da Silva (2021, p. 256), tal instituição “intervém nas nossas categorias cognitivas e de percepção e a elas faz corresponder a sua ordem”. Ou seja, o Estado e seus agentes impõem ideias e percepções como se fossem inquestionáveis, óbvias, muito bem estabelecidas, de maneira

que mesmo uma maioria possa ser controlada por uma minoria, como é o caso da República de Gilead de *O conto da Aia* e *Os testamentos*.

Dadas essas considerações, a imagem de Tia Lydia em *O conto da Aia* (1985) é de uma aliada ferrenha às leis da República de Gilead, por vezes tão alienada pelas doutrinas divinas como as demais vítimas desse sistema. Mas, na verdade, é uma das peças principais do estabelecimento de Gilead, pois é a responsável por preparar e lidar com as mulheres da trama, especialmente as Aias, porque esses conflitos são considerados banais para serem resolvidos pelos homens, superiores a todas elas. Tia Lydia é, então, sob essa visão, uma mulher de poder, que pode ler, escrever, possuir armas e controlar suas semelhantes, com quase tantos privilégios quanto os Comandantes, que governam tudo.

Esse cenário tem algumas mudanças com a publicação da sequência *Os Testamentos* (2019), que se passa quinze anos depois da cena final de *O conto da Aia*. Na continuação, a história tem três protagonistas: Agnes, filha de Offred, que vive em Gilead; Daisy, também filha de Offred, mas que vive no Canadá; e Tia Lydia, sobre a qual se deterá a análise daqui em diante. De antemão, distingue-se nesse caso a possibilidade de a personagem falar por si, não que a protagonista da história anterior lhe pintasse de maneira diferente do que ela é, mas em *Os Testamentos* é Tia Lydia expressando-se sem julgamentos ou interpretações de terceiros.

Nesse sentido, Tia Lydia toma o lugar da protagonista que não apenas participa ou narra a história, mas conversa com o leitor. Isso se dá por meio de seus escritos, um relatório que ela constrói secretamente na biblioteca de Ardua Hall, o prédio em que as Tias vivem. Esse documento que Lydia prepara é intitulado “O hológrafo de Ardua Hall”, ou seja, é o seu testamento, pois ela prevê que será morta ou logo morrerá de velhice; mas suas posses não são físicas, de valor monetário. O que ela pretende deixar de “herança” é tudo o que sabe sobre Gilead, sobre os crimes cometidos, os assassinatos realizados:

Mas entre estas digitais sangrentas estão as que nós mesmos deixamos, e estas não são tão fáceis de apagar. Com o passar dos anos enterrei muitos ossos; agora minha vontade é de exumá-los – nem que seja só para te edificar, meu leitor desconhecido. Se você estiver lendo isso, pelo menos este manuscrito terá sobrevivido. Embora talvez eu esteja fantasiando: talvez eu nunca venha a ter um leitor. Talvez eu só esteja

falando com as paredes, ou muros, em todos os sentidos. (ATWOOD, 2019, p. 12-13)

Por esse trecho já se pode visualizar como Lydia passa de uma figura autoritária e fechada para alguém mais real, com sentimentos complexos, que não é totalmente má nem totalmente boa. É claro que isso depende de uma análise da história por completo, e nem assim se pode determinar definitivamente o caráter da personagem; além disso, não é essa a intenção desta análise. O ponto é apresentar as multifaces de Tia Lydia para demonstrar sua grandeza, a ampliação que lhe é dada. Julgá-la como boa ou má fica a cargo de cada leitor.

De todo modo, como Lydia pode finalmente contar seu lado da história, já no início ela revela que não concordou com a instalação do regime. Ela vivia de forma livre, era solteira, sem filhos, e juíza de uma vara de família, uma função de alto nível por conta da relevância que lhe era atribuída no meio profissional. Além disso, Lydia não era a mulher devota e exemplar que apresenta na República de Gilead: o único traço que se preserva nessa personagem que ela representa é o lado determinado, parte da personalidade que tinha antes, que pode ser notada quando Lydia relembra o dia em que teve que enfrentar os soldados que lhe desrespeitaram, no Capítulo V – Van.

A minha vida poderia ter sido muito diferente. Quem me dera ter simplesmente olhado ao meu redor, prestado atenção no quadro geral. Quem me dera ter feito as malas com a antecedência necessária, como algumas fizeram, e deixado o país – o país que eu ainda acreditava, ingenuamente, continuar sendo o mesmo a que eu pertencera por tantos anos [...] Não há sentido prático nessas lamúrias. Eu fiz escolhas e, uma vez feitas, isso me deixava menos escolhas. Dois caminhos divergiam em um bosque amarelado, e eu peguei o que a maioria dos viandantes pegava. Estava pontilhado de cadáveres, como a maioria dos caminhos do gênero. Mas, como você percebeu, meu cadáver não está entre eles. (ATWOOD, 2019, p. 76)

No trecho destacado acima pode-se vislumbrar as tentativas de Lydia em se justificar pelos seus atos. Ela lamenta não ter fugido antes – logo, fica atestado que ela não é exatamente uma das idealizadoras do regime, por mais que tenha contribuído com seu estabelecimento. Essa contribuição foi, porém, uma das únicas escolhas que ela teve, algo que se aproxima das ideias de Bourdieu (2019) sobre as armas de luta da mulher contra a dominação masculina.

Assim, para o autor supracitado, o grupo feminino, num geral, não tem tanta força quanto seu oposto para desfazer a situação de dominação masculina, porque isso requer das mulheres um esforço constante e quase hercúleo de lutar contra o sistema opressor estando dentro dele, com as ferramentas oferecidas por ele, e indo contra ele (BOURDIEU, 2019). Por esse viés, Tia Lydia poderia ter se entregado, tomado qualquer decisão por impulso, mas escolheu esperar, arquitetar algo que tivesse um efeito maior e pudesse, enfim, derrubar todo o sistema.

Tal plano de vingança, contudo, envolve certa entrega de Lydia à situação a que foi submetida. Nos primeiros momentos ela chega a reagir, e conforme as torturas aumentam ela só deseja se entregar à morte, tamanho o sofrimento que lhe é imposto. Mas a sessão de flagelos tem um propósito – testar a resistência e “adestrar” essas mulheres, que são mais fortes, experientes e vividas, logo, é ainda mais difícil reeducá-las pelos princípios religiosos.

Nesse entremeio, portanto, Lydia também foi vítima. Assim como todos os outros estadunidenses que foram forçados a se adaptar às novas leis da República de Gilead, a personagem também é presa, torturada e agredida física e verbalmente, tudo com o objetivo de ser controlada, mesmo que para ser um dos membros que também controla. Após vários dias de sofrimento, Lydia é levada a refletir sobre sua própria existência, valorizar o pouco que tem, apreciar seu próprio corpo e existência, um dos princípios do governo gileadiano que também é ensinado por ela em *O conto da Aia*: enaltecer o básico como se isso fosse um grande privilégio – o que, mediante a situação em que está inserida, não deixa de ser.

Durante minha carreira jurídica, meu corpo tinha sido um mero veículo para me impulsionar de conquista em conquista, mas naquele momento eu o redescobria com ternura. Como eram róseas minhas unhas do pé! Como era intrincado o desenho das veias em minhas mãos! Eu não consegui fixar bem o meu rosto no espelho do banheiro, no entanto. Quem era aquela pessoa? Os traços pareciam borrados. (ATWOOD, 2019, p. 167)

Dessa maneira, após vários dias sendo agredida física e psicologicamente, forçada a viver numa condição não higiênica e outras tantas humilhações, Lydia é “presenteada” com um quarto limpo, banho e boa comida. Essa cena reforça a afirmação de Marisa Aparecida Loures

de Araújo Barros, Marcos Paulo de Araújo Barros e Alexandre Graça Faria (2020, p. 174), em artigo sobre a representação da mulher nas duas obras aqui analisadas: “As mulheres de Gilead [...] não enxergam uma possibilidade de mudança. Anulam-se enquanto pessoas portadoras de desejos, escondem o que sentem, perdem a subjetividade”.

Desse jeito, a personagem não tem outra opção senão aceitar as ordens do novo governo, e por mais que suas primeiras intenções sejam por mera sobrevivência, Lydia foge à generalização da citação anterior, pois aos poucos vê nisso oportunidade para se salvar:

Eu passei meus primeiros anos fazendo coisas que me disseram ser impossíveis para alguém como eu. Ninguém na minha família fora à faculdade, eles me detestavam por eu ter ido, eu tinha chegado lá com bolsas e virando noites em subempregos. Isso te fortalece. Você fica obstinada. Eu não pretendia ser eliminada sem luta. Mas nada do meu verniz pós-faculdade me serviria naquela situação. Eu precisava retornar à garota acintosa de classe baixa, à burra de carga determinada, à prodígio intelectual, à alpinista estratégica que me alçara ao alto nível social do qual eu acabava de ser destituída. Eu precisava comer pelas beiradas, uma vez que eu tivesse descoberto onde elas estavam. (ATWOOD, 2019, p. 131)

Os testamentos permite também que se analise o lado sociável de Lydia, qual era a sua relação com o meio em que vivia antes de Gilead e como ela se adaptou ao novo governo para sobreviver. Em certa passagem, na qual comenta sobre os dias em que passou presa com outras mulheres, inclusive sua companheira de trabalho Anita, pode-se perceber como a existência do outro, de um laço – alguém mais próximo do que deveria ser a família ou os amigos –, serve de suporte para que Lydia se mantenha sã e firme, uma semelhante que é o espelho do que ela é e do que deixou de ser, além de representar a esperança de salvação:

Havíamos dado um jeito de sentar juntas na maior parte dos dias, e dormir próximas. Antes desse momento ela não tinha sido uma amiga próxima, só colega de trabalho, mas só de estar perto de alguém que eu conhecia já era um consolo; alguém que personificava minhas conquistas anteriores, minha vida anterior. Digamos que tenha se criado um laço.
– Você era excelente juíza – sussurrou-me ela no terceiro dia.
– Obrigada. Você também – sussurrei de volta. O *era* era assustador. (ATWOOD, 2019, p. 160, grifo do autor)

Nota-se, então, que Lydia desenvolve a dependência de uma pessoa próxima, depositando suas forças na existência de uma conhecida, uma colega de trabalho, algo que foi mais elaborado numa situação de dificuldade do que quando ainda viviam em liberdade. Outro exemplo que complementa essa ideia se passa quando Lydia é presa sozinha numa cela escura: “Você ficaria surpreso em saber como a mente se deteriora na ausência de outras pessoas. Uma pessoa sozinha não é uma pessoa inteira: existimos na relação com os outros. Eu era uma pessoa: perigava me tornar nenhuma” (ATWOOD, 2019, p. 164). Destituída do poder e do privilégio de seu antigo cargo, independentemente do nível que lhe atribuíam, sem as liberdades de que antes usufruía, é na imagem da amiga – ou de qualquer amigo que lhe apareça – que Lydia encontra a sua força para seguir viva e a fé em si própria, nos outros, na mudança da situação.

Depois de muitas torturas, Lydia é considerada apta para ocupar o cargo de Tia e convidada pelo Comandante Judd para fazer parte do grupo de mulheres fundadoras da República de Gilead. Mesmo tendo sido manipulada para aceitar tal função, que surge como esperança para que não morra nem sofra novamente as crueldades que lhe foram infligidas, é só aos poucos que a personagem cede às vontades do novo governo. Por exemplo, quando ainda conversava com o Comandante sobre a proposta que estavam lhe oferecendo, soltava certos comentários que eram repreendidos por seu superior. Rememorando esses acontecimentos em seu testamento, ela afirma:

É tolice brincar com quem tem poder absoluto sobre você. Eles não gostam; pensam que você não compreende toda a extensão de seus poderes. Agora que eu tenho meu próprio poder, não dou trela à petulância nos meus subordinados. Mas naquela época, eu era mais des preocupada. Agora, sou mais sábia. (ATWOOD, 2019, p. 163)

Isso se relaciona às considerações de Foucault (1979) sobre poder, exploradas na seção anterior, no que se refere tanto à flutuação do poder entre os indivíduos como ao aprendizado de sua utilização. Antes Lydia possuía certos poderes que lhe foram completa e brutalmente retirados; depois ela recebe novamente poder, mas um diferente, que também a limita. Ademais, no novo governo, Lydia aprende a manusear o privilégio que lhe foi concedido, visto a diferente conjuntura e as diferentes necessidades e obrigações que possui. Também a correlação do poder para que seja conservado, assim como discutido

por Foucault (1979) anteriormente, pode ser mais claramente vista no trecho a seguir, em que Lydia fala sobre a execução que teve de cumprir para ser aceita como Tia:

Passei por uma provação. Você já deve ter desconfiado do que se tratava. Foi idêntico ao meu pesadelo, exceto pelo fato de as mulheres estarem vendadas e de que, quando atirei, não caí. Era essa a prova do Comandante Judd: se não passar, seu compromisso com a única via verdadeira seria anulado. Se passar, haverá sangue nas suas mãos. Como alguém disse certa vez, precisamos viver juntos ou vamos todos morrer separados. (ATWOOD, 2019, p. 190)

Para ser parte do sistema gileadiano, Lydia teve de matar uma pessoa. Em sua trajetória como Tia ela também precisou praticar torturas físicas e psicológicas em outras mulheres, esconder segredos, além de se envolver nas práticas de pedofilia do Comandante Judd, escolhendo constantemente novas esposas para ele. Para ganhar poder, Lydia precisou se equiparar aos outros membros fundadores, e seus atos colaboravam para preservar o conjunto de toda a influência exercida pela República de Gilead. Nesse sentido, tal situação está vinculada também aos argumentos de Bourdieu (2019) sobre as mulheres que precisam ser parte contribuinte do sistema para sobreviver nele e, se possível, tentar destruí-lo, além de ser condizente ao pensamento dos autores de “A representação da mulher em O conto da Aia e em Os testamentos: distopias do presente” (DE ARAÚJO BARROS; DE ARAÚJO BARROS; FARIA, 2020), de que parte das mulheres de Gilead estimula o patriarcado e perpetua o regime. Sobre isso, o trecho a seguir finaliza o raciocínio aqui defendido:

Eu detestava a estrutura que estávamos concebendo? Em certo sentido, sim: traía tudo o que nos ensinaram em nossa vida passada, e tudo o que havíamos conquistado. Eu me orgulhava de tudo o que conseguimos realizar, apesar das limitações? Também sim, em certo sentido. As coisas nunca são simples. (ATWOOD, 2019, p. 197)

Percebe-se, afinal, quão intrincada é a construção da personagem Tia Lydia, que é composta e construída como um ser alienado e alienador que chega a convencer o leitor de que é apenas mais um objeto de manipulação da República de Gilead, com suas falas ensaiadas e prontas para reeducar as mulheres para a nova lei. Contudo, Tia Lydia é mais que isso: pode-se inseri-la no conjunto de vítimas-ativas

do governo gileadiano, porque sofreu algo que algumas vítimas não sofreram, caso tenham se entregado sem reagir. Nem inocente nem culpada, como muitos outros membros desse sistema, com exceção dos que ocupam posições de real soberania; seu poder é ilusório, dado como única alternativa à sobrevivência, e as coisas que ela fez não deixam de ter um propósito, mesmo que envolvam práticas criminosas.

Considerações finais

Ao analisar o poder da personagem Tia Lydia em *O conto da Aia* (1985) e *Os testamentos* (2019), atesta-se que, tal como aponta Bourdieu (2019), essa soberania é ilusória, parte da estratégia manipulativa de um sistema social que permanece oprimindo grupos marginalizados, mas utiliza de indivíduos que são parte destes ou se assemelham em alguns aspectos aos sujeitos subjugados. Dessa maneira, nota-se pelo estudo da duologia de Margaret Atwood que há dois planos de análise: um discursivo (visão de fora, a partir de *O conto da Aia*), outro objetivo (visão interna, com base em *Os testamentos*).

A leitura da primeira obra permite entender os procedimentos de controle utilizados pela personagem Tia Lydia para convencer as mulheres a seguirem as leis da República de Gilead, e a descrição da personagem pela visão de uma de suas vítimas possibilita estudar, também, os efeitos do discurso empregado. Em contrapartida, a leitura de *Os testamentos* esclarece as razões das práticas da personagem, além de oferecer o contexto dos acontecimentos, com a história de Tia Lydia, o seu trajeto no estabelecimento da República de Gilead, as suas justificativas e ainda o que ela faz para resolver a situação que ajudou a construir. Desse modo, ao comparar as duas histórias, as diferenças se complementam, formando uma linha de análise ambivalente sobre o poder de Tia Lydia, mas que não determina sua posição nessa balança moral.

O que se conclui a partir disso é que, para adquirir poder dentro de um sistema patriarcal, a mulher precisa se sujeitar àquilo que não é, e a resolução dessa problemática muitas vezes só tem êxito se inclui tal aliança e entrega da mulher. Por isso, entende-se que a conquista por mudanças envolve caminhos difíceis, e a sobrevivência ainda tem caráter clandestino para os sujeitos marginalizados.

Como afirma Simone de Beauvoir (2019, p. 510), no trajeto da luta feminina diária, se as “dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta. [...] uma mulher que se empenha em viver é portanto mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos”. Lutar assumidamente por mudanças muitas vezes é mais arriscado e tem menos chances de sucesso do que a infiltração e a manipulação dos membros desse sistema praticadas pelos subalternos, que tentam sobreviver acomodando-se ao que aparentemente não tem solução.

Referências

ARAÚJO, Jordeanes do N.; DA SILVA, Renan Bergo. Ciência/saber, Estado, poder e alteridade: dialogando com Bourdieu, Foucault e Bruno Latour no cenário contemporâneo. *Revista EDUCAmazônia – Educação Sociedade e Meio Ambiente*, Humaitá, v. 13, n. 2, p. 253-265, jul./dez. 2021.

ATWOOD, Margaret. *O conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. *Os Testamentos*. Tradução de Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

DE ARAÚJO BARROS, Marisa Aparecida Loures; DE ARAÚJO BARROS, Marcos Paulo; FARIA, Alexandre Graça. A representação da mulher em *O conto da Aia* e em *Os testamentos*: distopias do presente. *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*, v. 24, n. 2, p. 165-176, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 01/09/2022
Aprovado em: 21/02/2023